

# EM BUSCA DO SUJEITO EM SAUSSURE

*Laís Virginia Alves Medeiros<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo propõe uma reflexão sobre a presença do sujeito na teoria saussuriana. Para tanto, são analisadas duas dicotomias propostas no Curso de Linguística Geral: língua e fala e relações sintagmáticas e relações associativas. A análise tem como fundamentação teórica a leitura feita pela linguista Claudine Normand. A reflexão aponta para uma presença constante do sujeito nessas dicotomias, com um papel implícito e periférico, mas ainda assim significativo.

**Palavras-chave:** Curso de Linguística Geral; sujeito; dicotomias.

## INTRODUÇÃO

Ainda que sua publicação date de 1916<sup>2</sup>, o Curso de Linguística Geral segue tendo forte repercussão nos estudos linguísticos – seja para continuidade, seja para ruptura. Ao consagrar a Linguística como ciência, foi preciso fazer escolhas do que incluir e do que deixar de fora. Uma questão que parece ter sido preterida foi a do sujeito, que posteriormente viria a ser cara para estudos da linguagem como os desenvolvidos por Bréal (1992) e Benveniste (1988), que identificam nas próprias estruturas da língua marcas de subjetividade, indicando que aquela não existira sem esta. Ora, sabemos que Saussure não desenvolveu estritamente uma teoria da subjetividade. Um olhar mais atento, no entanto, pode mostrar que o sujeito está lá, num movimento de presença-ausência, mais ou menos evidenciado a cada momento.

Este artigo tem como objetivo uma reflexão sobre o papel do sujeito na teoria saussuriana, observando especificamente como esse jogo de presença-ausência pode ser identificado e interpretado em duas dicotomias fundamentais da obra saussuriana: língua e fala e relações sintagmáticas e relações associativas.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO CORPUS

Se a publicação do Curso de Linguística Geral impôs “sua marca fundadora à linguística e às ciências humanas” (BOUQUET, 2009, p. 161), não menos significativa foi a publicação dos manuscritos de Saussure. Publicados

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Data da primeira edição na França. A edição traduzida no Brasil data de 1969.



de maneira esparsa algumas décadas após o Curso, para alguns, colocaram em xeque a credibilidade do livro organizado por Bally e Sechehaye; para outros, serviram para complementar e aprofundar a leitura do Curso.

Não entraremos aqui no debate sobre autenticidade e pertinência das referidas obras, já tão desenvolvido por linguistas de diferentes posicionamentos<sup>3</sup>. Com o objetivo de compreender o legado saussuriano do modo mais abrangente possível, e com base em Fiorin, Flores e Barbisan (2013, p. 16), foi selecionado, dentro do extenso corpus saussuriano, o corpus de pesquisa, ou seja, “o recorte que se faz do conjunto, tendo em vista os objetivos da pesquisa”. Assim, o ponto de partida da análise são as dicotomias conforme propostas no Curso de Linguística Geral, mas, reconhecendo a importância e pertinência das diferentes fontes, recorreremos também aos Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 2002) quando estes podem contribuir para a reflexão. Tomando esses textos como *corpus* para análise, o referencial teórico conta com a leitura crítica feita por Normand (2009), autora cujas análises inspiraram este artigo, como *corpus* adicional.

### LÍNGUA, FALA E SUJEITO

Os capítulos III e IV da Introdução do Curso de Linguística Geral (doravante CLG), *Objeto da Linguística e Linguística da Língua e Linguística da Fala*, introduzem a separação entre língua e fala, sendo aquela estabelecida como o único objeto da “Linguística propriamente dita” (SAUSSURE, 2012, p. 52). Devemos atentar para o caráter metodológico dessa separação, motivada por se tratar de “dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo” (SAUSSURE, 2012, p. 52). Se, por um lado, a separação é mister para o estudo, por outro, a indissociabilidade é reconhecida: “esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça” (SAUSSURE, 2012, p. 51).

Essa dicotomia, então, não deve ser vista como a exclusão arbitrária de um objeto em favor de outro, mas, sim, como o “princípio de pertinência que permitiu o começo da linguística moderna” (NORMAND, 2009, p. 131). Se uma das tarefas da Linguística é a de “delimitar-se e definir-se a si própria” (SAUSSURE, 2012, p. 36), a dicotomia língua-fala serve para colocar, ainda que provisoriamente, um ponto final nessa questão.

Ao especificar as características distintas de cada um desses objetos, o CLG permite um primeiro vislumbre da questão do sujeito, ainda que não seja este o foco nem esta a palavra utilizada, como sinaliza Normand:

Saussure havia afastado o “sujeito”, como tanto se insistiu em dizer, ou, pelo menos, o *indivíduo*, que, marcado pelos traços da consciência, da liberdade, da singularidade, ficava reservado, ou abandonado, ao domínio da fala. Essa oposição,

<sup>3</sup>Normand e Bouquet, por exemplo, mas não apenas.





no entanto, não resolvia inteiramente a questão, e o indivíduo está sempre presente: ao mesmo tempo passivo (a língua lhe é imposta, 'depositada' em seu cérebro) e ativo (ele interpreta as formas, recriando-as a cada emprego) (NORMAND, 2009, p. 133-134).

Da leitura da autora, concluímos que, ainda que se postule que “a atividade de quem fala deve ser estudada num conjunto de disciplinas que somente por sua relação com a língua têm lugar na Linguística” (SAUSSURE, 2012, p. 51), a indissociabilidade que une língua e fala interdita a pretensão de se estudar a língua sem recorrer, ainda que indiretamente, ao sujeito falante.

Esse recurso se marca durante toda a explanação a respeito da língua e da fala. Temos, por exemplo, como condição para a existência da língua “uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2012, p. 46), um acordo entre os sujeitos falantes, portanto. Segue que a língua se caracteriza como “uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 51). A fala, por sua vez, definida como “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 2012, p. 45), pressupõe um sujeito falante consciente das possibilidades de sua língua e que “realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal” (SAUSSURE, 2012, p. 45).

Se podemos encontrar no CLG a língua e a fala repetidamente descritas por suas diferenças, podemos vislumbrar como semelhança entre elas a pertinência do sujeito em todas as definições que lhes concernem. Não parece possível tratar de qualquer uma delas sem recorrer ao principal implicado: aquele que recebe a língua passivamente, utiliza ativamente através da fala e, também através da fala, modifica coletivamente a língua, num ciclo constante de alternâncias entre modificação e permanência<sup>4</sup>.

Língua e fala foram assim apresentadas como, respectivamente, o lado social e o lado individual da linguagem. O que Benveniste viria a postular com sua teoria enunciativa, colocando o sujeito no centro da linguagem, “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (1988, p. 285), não é de todo ignorado por Saussure. Pelo contrário: nos Escritos de Linguística Geral (doravante ELG) já nos é mostrada a importância dessa relação, mesmo que de forma embrionária. Assim, temos que:

o homem sem a linguagem seria, talvez, o *homem*, mas não um ser que se comparasse, mesmo que aproximadamente, ao homem que nós conhecemos e que nós somos, porque a linguagem foi, por um lado, a mais formidável ferramenta de ação coletiva e, por outro, de educação individual, o

<sup>4</sup> Essa discussão é mais bem aprofundada nas segunda e terceira partes do CLG, *Linguística Sincrônica e Linguística Diacrônica*, e não será aprofundada aqui devido à delimitação da reflexão proposta.



instrumento sem o qual o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar a desenvolver, em algum sentido, suas faculdades nativas (SAUSSURE, 2002, p. 128).

Se o sujeito não aparece de forma explícita no CLG, e é possível afirmar mesmo que ele é excluído da teoria, os Escritos de Linguística Geral relativizam essa questão, ainda que confirmem o foco proposto no CLG:

o estudo da linguagem como fato humano está todo ou quase todo contido no estudo das línguas [...] os mais elementares fenômenos da linguagem jamais serão vislumbrados, nem claramente percebidos, classificados e compreendidos, se não se recorrer, em primeira e em última instância, ao estudo das línguas. Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra (SAUSSURE, 2002, p. 128)

Enquanto o CLG estabelece o objeto da “Linguística propriamente dita”, o ELG confirma a indissociabilidade: estudando-se a língua, estuda-se também a linguagem como fato humano. Lidos em conjunto, o CLG e o ELG permitem interpretar que o sujeito, de fato, não está na base nem no centro do estabelecimento da Linguística como ciência, mas é impossível negar a pertinência de sua função periférica.

Embora nesta primeira dicotomia língua-fala tenha se tentado restringir o papel do sujeito ao ato individual da fala, a própria definição de língua como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41) implica a atividade do sujeito como condição essencial. Veremos agora como o sujeito é marcado na dicotomia das relações sintagmáticas e associativas.

### **RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS, RELAÇÕES ASSOCIATIVAS E SUJEITO**

As definições das relações sintagmáticas e associativas retomam aforismos anteriormente apresentados no CLG: o caráter linear da língua, postulado quando da definição dos princípios do signo linguístico, é retomado na definição das relações sintagmáticas como o alinhamento sucessivo dos termos na cadeia da fala, sendo seus valores adquiridos pela oposição aos termos que o seguem e o precedem. O caráter coletivo da língua, por sua vez, como “um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 51), postulado quando da definição da Linguística da Língua e Linguística da Fala, é retomado na definição das relações associativas como associações na memória das palavras com algo em comum, fazendo parte “desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (SAUSSURE, 2012, p. 172). Uma diferença importante entre essas relações é posta desde o princípio: “A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série





efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa séria mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2012, p. 172).

A indissociabilidade língua-fala é mais uma vez retomada quando se reconhece a definição escorregadia do pertencimento das relações sintagmáticas ao campo da língua e não ao da fala. Esse pertencimento, que é, num primeiro momento, categoricamente afirmado – “cumpre atribuir à língua, e não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares” (SAUSSURE, 2012, p. 173) –, vem a ser posteriormente relativizado:

Cumpramos reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorreram para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar (SAUSSURE, 2012, p. 174).

As relações sintagmáticas e associativas são abordadas também no ELG, porém, sob a forma de *sintagma* e *parallélie*. Apesar da terminologia diferenciada (que será uma constante sempre que compararmos o CLG ao ELG, dadas as particularidades editoriais, autorais, entre outras, de cada obra), podemos, a partir da definição condizente, concluir que se trata das mesmas relações:

Nós denominamos *sintagma* a fala efetiva,  
 - ou a combinação de elementos contidos numa seção de fala real,  
 - ou o regime em que os elementos se encontram ligados entre si por sua sequência e precedência.  
 Por oposição à *parallélie* ou fala potencial, ou coletividade de elementos concebidos e associados pelo espírito, ou regime no qual um elemento leva uma existência em meio a outros elementos possíveis (SAUSSURE, 2002, p. 58).

A definição encontrada no ELG não dá maiores pistas sobre a questão do pertencimento das relações sintagmáticas ao campo da língua ou da fala. Mas mais importante do que compreender a classificação das relações nesta ou naquela categoria parece ser compreender o modo como elas efetivamente funcionam. Tratando das relações associativas, esse funcionamento é questionado da seguinte forma por Normand:

Essa massa associativa flutuante (uma “constelação”, diz Saussure) que é preciso supor para compreender o mecanismo da língua só se deixa apreender de forma parcial; tudo aquilo que depende de um sujeito na singularidade de suas associações escapa à análise. Assim, *enseignement* inspira, para os editores, *clément*, que eles introduzem no esquema da constelação, embora não conste de nenhum dos cadernos; e



por que não *durement* ou *ferment*? A cada um, suas associações pessoais... (NORMAND, 2009, p. 166)

A leitura de Normand evidencia que as relações associativas não são dadas de antemão e abrem espaço para se pensar na subjetividade. Talvez seja este o polo da dicotomia que dê maior margem para se enxergar o sujeito em Saussure, seja pela definição de que “o espírito capta também a natureza das relações que os unem” (SAUSSURE, 2012, p. 174) ou pela consideração da “consciência de quem fala” (SAUSSURE, 2012, p. 175) – o que permite questionar a divisão metodológica língua-fala, colocando o falante no centro dessas relações pertencentes à língua.

Quando lemos que “as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória” (SAUSSURE, 2012, p. 172), somos levados a questionar: na memória de quem? Ora, se não se está falando diretamente sobre o sujeito, está se falando sobre um processo que acontece inteiramente em sua cognição – e que o tangencia, portanto. Nesse sentido, é valiosa a contribuição de Nóbrega (2008), que acrescenta que as relações associativas aparecem como a possibilidade de algo que ultrapassa o sujeito, pois este não consegue apreendê-las em sua totalidade, de modo que seu conhecimento é sempre parcial, limitado à “as conhece, apenas a parte que *constitui a sua própria língua.*” (NÓBREGA, 2008, p. 8). A autora destaca ainda a anterioridade da língua ao sujeito, possível de ser identificada nas relações associativas e sintagmáticas, afirmando que são elas que determinam a relação entre língua e sujeito falante.

O questionamento levantado pela definição das relações associativas pode ser visto em retomada a uma relativização exposta já nas considerações iniciais sobre a língua: “Entre todos os indivíduos assim unidos pela linguagem, estabelecer-se-á uma espécie de meio-termo; todos reproduzirão – *não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente* – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 2012, p.44, grifo meu). Assim como as relações associativas, que, para Normand (2006), são indissociáveis das singularidades dos sujeitos, também os signos, apesar da certa espécie de contrato que foi estabelecida, poderão significar diferentemente entre os indivíduos, ressaltando mais uma vez o atravessamento da subjetividade nesses conceitos fundadores.

Dessa comparação entre as dicotomias, percebemos que, lá onde os conceitos se abrem – nas associações que não são as mesmas para todos, ainda que todos as façam de um modo ou de outro; nos signos, cujos valores não serão exatamente os mesmos –, é possível encontrarmos o sujeito. Embora ele não seja o foco da teoria, a percepção de sua presença implícita e constante pode nos auxiliar a compreender os conceitos de forma mais abrangente do que a simples exclusão-inclusão postulada por algumas leituras de Saussure.





Um trecho que trata do sujeito no ELG suscita uma última (por ora) reflexão a seu respeito: “A primeira expressão da realidade seria dizer que a língua (*ou seja, o sujeito falante*) não percebe nem a ideia *a*, nem a forma *A*, mas apenas a relação *a/A*” (SAUSSURE, 2002, p. 39, grifo meu). O recurso a essa espécie de sinonímia permite questionar: sempre que se diz “língua” se diz “sujeito falante”? Como essa hipótese não se sustentaria frente à dicotomia língua-fala, fundamental para o estabelecimento da teoria, não acreditamos que se trate de uma sinonímia que possa ser considerada na leitura de toda a obra saussuriana, mas, sim, de uma das possibilidades de leitura. Ainda que seja apenas isso, o trecho evidencia que o sujeito não está de todo excluído da teoria saussuriana; ele foi, sem dúvida, deixado de lado a fim de priorizar os conceitos que norteariam a Linguística, e é justamente sob esses conceitos que subjaz uma noção embrionária de sujeito.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Funcionamentos diferentes puderam ser observados entre as dicotomias língua-fala e relações sintagmáticas-associativas. Na primeira, tenta-se restringir a atividade do sujeito a um dos polos (a fala) sem se lograr êxito: de forma direta ou indireta, o sujeito se marca em ambos. Na segunda, embora o sujeito nem esteja em questão (afinal, essas relações pertencem à língua e o sujeito só teria papel no terreno da fala), sua presença é marcada, principalmente, nas relações associativas, impossíveis de serem concebidas sem recorrer ao sujeito que pensa.

Por fim, reforçamos que não tivemos a pretensão de reler a Linguística tal qual orientada pelo CLG como uma teoria fundamentalmente centrada na subjetividade, o que seria uma interpretação desproporcional de um elemento de caráter periférico. Nossa pretensão foi a de esquadrihar os primeiros passos, as primeiras pistas presentes nessa significativa obra, que permitiram que as questões concernentes ao sujeito viessem a ser posteriormente mais bem elaboradas e aprofundadas— exatamente o que se pode esperar de um texto fundador.

## IN SEARCH OF THE SUBJECT IN SAUSSURE

### ABSTRACT

This article proposes a reflection on the presence of the subject in Saussure's theory. In order to do so, two dichotomies proposed in the Course in General Linguistics are analyzed: language and speech and syntagmatic and paradigmatic relations. The analysis's theoretical foundation is based on the reading made by the linguist Claudine Normand. The study points to a constant



presence of the subject in these dichotomies, with an implicit and peripheral, yet significant, role.

**Keywords:** Course in General Linguistics; subject; dichotomies.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1988.

BOUQUET, Simon. De um pseudo-saussure aos textos saussurianos originais. **Letras e Letras**. v. 25, n. 1, jan./jun. 2009. p. 161-175.

BRÉAL, Michel. O elemento subjetivo. In: *Ensaio de Semântica: ciência das significações*.

Tradução de Aída Ferrás et al. São Paulo: Pontes, 1992.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges. Por que ainda ler Saussure? In: \_\_\_\_\_. (Orgs.) **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013. p.7-20.

NÓBREGA, Mônica. Sujeito e sistema em Saussure: uma relação possível?. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. BOUQUET, Simon e ENGLER, Rudolf (Orgs.). Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

\_\_\_\_\_. **Curso de Linguística Geral**. BALLY, Charles e SECHEHAYE, Albert (Orgs.). Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

